

DIVERSIDADE DE INFÂNCIAS NA PAISAGEM FLUMINENSE: CRIANÇAS, SUAS CULTURAS E TERRITORIALIDADES.

LUCIENE KARINE DA SILVA ROCHA (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE).

Resumo

Esta comunicação compartilha reflexões contidas no projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, inserido no campo de Confluência Linguagem, Subjetividade e Cultura, que busca investigar ações e práticas educativas em diferentes instâncias e contextos, tendo como referência central seus sujeitos. Acreditamos que as crianças vivem suas infâncias de modos diferenciados em variados espaços e tempos. Entendemos que elas são atores sociais, seres produtores de cultura, situados histórica e geograficamente e, que ao mesmo tempo em que constroem o espaço geográfico, constroem suas subjetividades numa perspectiva dialética. Essa construção é permeada por ações que interferem nas relações com o mundo. Assim, é necessário refletir sobre suas linguagens espaciais, valorizando suas histórias e geografias. Por entendermos o espaço geográfico como elemento fundamental na construção dos sujeitos, trazemos as contribuições da Geografia da Infância, que tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos. Adotamos ainda como referenciais os estudos da Sociologia da Infância, que tentam romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado, em devir, que, um dia, se tornará um adulto. Desta forma a categoria infância passa a ser uma construção histórica, geográfica e social, diferenciando-se no espaço e no tempo, despertando interesses, dúvidas e inquietações. Temos o intuito de contribuir para o debate sobre a infância em diferentes contextos sociais, ajudando a pensar sobre o papel e o lugar das crianças na contemporaneidade, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

Palavras-chave:

Sociologia da Infância, Geografia da Infância, Culturas Infantis.

Introdução

"É o olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata - cresce de importância para o meu olho."

Manoel de Barros

Entre a preparação para o futuro, a incompletude, o adulto miniatura percorrem as diferentes concepções de infância. A maneira como tratamos as crianças, como direcionamos o nosso trabalho com elas está profundamente influenciado por nossa concepção de infância. Muito temos estudado, escrito, debatido em nossos seminários e encontros. Percebemos as contribuições para uma nova maneira de ver as crianças mas, é possível perceber também que as atitudes dos adultos no trato com as crianças ainda revelam a predominância de uma concepção de infância na perspectiva da incompletude. Tais percepções baseiam-se na convivência em ambiente escolar, onde atuando na escola pública desde 2001, tenho presenciado diferentes modos de atuação no magistério em Educação Infantil repercutindo uma diversidade de concepções de infância.

A vivência com as crianças intensificaram, em mim, o desejo de conhecê-las cada dia mais e valorizar suas falas, seus pensamentos e sentimentos, deixando-as tocarem minha vida de modo a me ensinarem a ver, a sentir, a viver, encontrado na simplicidade uma infinidade de sentidos e novidades.

Assim os "miúdos", "pequeninos", crescem de importância para os meus olhos, e me movem em direção ao desconhecido, e fazem reviver em mim os cheiros, gostos e memórias da infância.

Reflexões iniciais e direcionamento da pesquisa

Durante muito tempo, convivemos com a concepção de infância na perspectiva da negatividade entendendo as crianças como seres incompletos, em devir, in-fans - sem fala.

A infância tem sido percebida muito mais pela sua ausência, pela sua incompletude, do que pela sua presença. Historicamente e socialmente ela tem sido vinculada a idéia de carência, falta, incompletude. Este entendimento tem levado a idéia de que o universo adulto poderia preenchê-la, completá-la com o que supostamente lhe falta(...) As crianças tem sido criadas muito mais para a submissão as regras de um mundo adultocêntrico do que para sua própria formação. (LEAL, 2004, p.20)

Ainda na perspectiva da negatividade, adicionamos a noção de uma infância percebida como sujeitos "a-topos", ou seja, de lugar nenhum, como sujeitos atemporais, de tempo nenhum, deslocadas de seus espaços e de seus tempos.

A despeito dessa visão adultocêntrica, nos aproximamos dos estudos no campo da Sociologia da Infância que vêm apontar um novo olhar sobre as crianças, compreendendo-as como atores sociais, sujeitos produtores de cultura, seres ativos situados no tempo e no espaço, tentando romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado.

Nos estudos da sociologia da infância o tema, culturas da infância, postula que as crianças, através das suas relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo. Na produção dessas culturas há que se levar em consideração as significações espaciais.

"Existe na produção das culturas infantis uma ancoragem territorial que não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio abstrato material e produção da existência. Esse processo faz emergir junto a idéia de culturas infantis a existência de territorialidades infantis que são a base da produção dessa cultura." (Lopes; Vasconcellos, 2006, p. 110-111)

Ao compartilhar essa perspectiva entendemos a infância como uma construção histórica, geográfica e social, que se diferencia no espaço e no tempo, despertando interesses, dúvidas e inquietações.

As crianças vivem, assim, suas infâncias de modos diferenciados, em variados tempos e espaços produzindo suas culturas dotadas de histórias e geografias. Ao mesmo tempo em que constroem o espaço geográfico, constroem suas subjetividades numa perspectiva dialética, num *"contínuo movimento entre*

espaço, sociedade e sujeitos, que faz com que a nossa geografia esteja preche de espaços, de territórios e lugares; que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da vida." (LOPES, 2007, p. 9)

Para compreender as crianças e as relações que estabelecem em seus grupos sociais é necessário considerar os aspectos históricos, sociais e geográficos. Cada criança é criança em uma determinada realidade, toda criança é criança de um lugar (Lopes e Vasconcellos, 2006).

Num país com grande diversidade como o nosso, é impossível considerar uma concepção uniformizadora de uma infância padronizada, segundo a qual todos pensam e vivem da mesma forma. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças (Sarmiento, 2005).

Admitimos, assim, não apenas uma, mas várias infâncias (Prout, 1990), contextualizadas em determinados espaços, tempos e culturas.

Por entendermos o espaço geográfico como elemento fundamental na construção dos sujeitos, nos lançamos o desafio de compreender as relações das crianças com seus espaços, bem como a diversidade de infâncias existentes num espaço/tempo específico de observação: o espaço recreativo do Campo de São Bento situado na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

O campo de São Bento é o principal jardim público urbano de Niterói. Atualmente abriga a Biblioteca Estadual Infantil Anísio Teixeira, o Colégio Estadual Joaquim Távora e o Centro Cultural Paschoal Carlos Magno. Aos finais de semana milhares de pessoas passam pelo campo atraídas pela bela área de lazer e cultura.

Apontamos como questão central a tentativa de compreender *Como crianças vivem, percebem e atribuem significados aos parques infantis do município de Niterói transformando-os em territorialidades.*

Levantamos também como desdobramentos da pesquisa conhecer como se definem as regras que orientam as apropriações dos sujeitos nas brincadeiras no parque selecionado, e como são instituídas as fronteiras físicas e simbólicas para apropriação dos espaços por classes sociais distintas (é possível afirmar isso? Até onde a classe é distinção de fronteira?)

Pretendemos mapear a origem dos parques infantis de Niterói e do mobiliário urbano. Indagamos ainda quando as praças passam a abrigar os brinquedos e constituem-se em paisagens de infância.

Para respondermos a essas questões nos aproximamos de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico.

Caminhos Metodológicos

A construção do referencial teórico-metodológico que servirá de base para a elaboração da pesquisa fundamenta-se nos principais pressupostos da sociologia da infância e nos estudos sobre as culturas infantis, tendo como núcleo central a noção de infância como uma construção social revelando as crianças como atores sociais, sujeitos participantes na condução de suas vidas e na construção da sociedade em que se inserem.

O caminho a ser construído na busca de respostas para os questionamentos apresenta algumas características de uma pesquisa etnográfica.

A pesquisa etnográfica busca reconhecer, valorizar e incorporar os elementos válidos a multiplicidade de sentidos presentes no contexto dos espaços, a serem observados, e partes de um universo cultural mais amplo.

Para compreender e capturar a complexidade de situações nos diferentes contextos, faz-se necessário utilizar-se da descrição densa que Geertz (1989) define como o tipo de esforço intelectual exigido pela etnografia, que é sempre interpretativa.

As contribuições do referencial teórico-metodológico da sociologia da infância, também são fundamentais na construção dos instrumentos e métodos de coleta, análise e interpretação de dados. As pesquisas desenvolvidas, segundo esses referenciais, tem como foco as crianças, com suas próprias interpretações infantis.

[...] essa focalização reside, exactamente em partir das crianças para o estudo das realidades de infância. Isto significa, no essencial, duas coisas: a primeira, que o estudo da infância constitui esta categoria social como o próprio objecto da pesquisa, a partir do qual se estabelecem as conexões com os seus diferentes contextos e campos de acção; em segundo lugar, que as metodologias utilizadas devem ter por principal escopo a recolha da voz das crianças, isto é, a expressão da sua acção e da respectiva monitorização reflexiva. (Pinto e Sarmiento, 1997, p. 26, 27)

A pesquisa situa-se no campo das pesquisas que compartilham procedimentos de natureza qualitativa.

Bogdan e Biklen (1982) apontam pontos comuns compartilhados nesses procedimentos:

- O pesquisador é o instrumento chave, embora utilize vídeo ou outros materiais, é necessário que ele esteja no campo de trabalho para apreender a realidade a ser estudada.
- A pesquisa qualitativa é descritiva, os dados são coletados em forma de palavras, fatos. Os dados incluem entrevistas transcrições, notas, fotografias, vídeos, documentos pessoais; todos os detalhes e situações são importantes na compreensão;
- Pesquisadores qualitativos estão mais preocupados com o processo do que com o produto. O pesquisador deve centrar sua compreensão na dinâmica que se processa na vida cotidiana, e isso deverá ser o seu centro de análise;
- O significado que os indivíduos atribuem as coisas é de essencial interesse para o trabalho qualitativo. Uma das preocupações do pesquisador deve ser compreender como as pessoas compreendem a si mesmas e o mundo que as cerca.

Pensando contribuições

Muito já foi falado sobre a adequação de um trabalho que pense a realidade escolar a partir da realidade do aluno. Mas, que realidade é essa?

Esse estudo pretende contribuir para a elaboração de um currículo que tenha como base a compreensão da criança como "ator social", sujeito participante na organização de sua vida e na construção da sociedade em que se insere.

Pretendemos fazer relações entre a escola e a realidade concreta, pensando como os modos de organização destas crianças reais fora da escola podem auxiliar na elaboração das atividades dentro dela. Concordamos com as idéias de Kramer (2006, p. 21): "(...) é preciso compreender os processos relativos aos modos de interação entre crianças e adultos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais (...). Conhecer as ações e produções infantis, as relações entre adultos e crianças, é essencial para a intervenção e a mudança."

Pensamos ainda numa possível contribuição para produção e organização de parques/praças a partir não apenas de pensamentos adultos para crianças, mas das necessidades delas próprias expressas a partir de sua escuta.

Temos o intuito de contribuir para o debate sobre a infância em diferentes contextos sociais, ajudando a pensar sobre o papel e o lugar das crianças na contemporaneidade, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

Por fim, vale citar Amorim (2008, p.52) segundo o qual é de fundamental importância refletir sobre a infância e sua educação nos lugares que elas produzem e em que são produzidas, contribuindo, assim, para uma educação que possibilite um mundo mais justo, livre das desigualdades, da exclusão e da barbárie.

Como iniciei o texto com as palavras de Manoel de Barros, gostaria de encerrar também com as palavras do autor que tão bem traduzem meus sentimentos em relação a infância.

"Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas."

Manoel de Barros

Referências

AMORIM, Cassiano Caon. Os lugares da infância: a infância e seus lugares. In VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

ARIËS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BORBA, A. M. *Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar*. Tese de doutoramento. Niterói: UFF, 2005.

CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação, e a natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: *Educação e Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade* - São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES - Vol. 26, nº 91, Mai./Ago, 2005.

_____. *The Sociology of childhood*. Thousand Oaks Cal.; Pine Forge Press, 1997.

GEERTZ, C. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KRAMER, S. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S.; LEITE, I. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996 p.13-38.

KUHLMANN JUNIOR, M. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 78, p.17-26, ago.1991.

LEAL, Bernardina. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In Walter Kohan (org.) *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n..1. 2006. Disponível em http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf.

LOPES, Jader Janer M.. "É coisa de criança": Reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

PINTO, M. e SARMENTO, M. J.(Coords) *As crianças: contextos, identidades*. Porto: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, M. J. *Lógicas de ação nas escolas*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2000.

_____. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*, 2002. Disponível na Internet: [http://www.iec.minho.pt/cedic/textos de trabalho](http://www.iec.minho.pt/cedic/textos%20de%20trabalho). Acessado em 25 de setembro de 2003.

_____. *Imaginário e culturas da infância*, 2003. Disponível na Internet: [http://www.iec.minho.pt/cedic/textos de trabalho](http://www.iec.minho.pt/cedic/textos%20de%20trabalho). Acessado em 30 de maio de 2004.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade:interrogações a partir as sociologia da infância. In: *Educação e Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade* - São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES - Vol. 26, nº 91, Mai./Ago, 2005.

SILVA, Carla Andréa Lima da. Saberes e fazeres das crianças: manifestações das culturas infantis em situações dirigidas pela professora. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Educacao.

VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

DIVERSIDADE DE INFÂNCIAS NA PAISAGEM FLUMINENSE – CRIANÇAS, SUAS CULTURAS, E TERRITORIALIDADES.

Luciene Karine da Silva Rocha.
lucienekarine@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense - RJ

Resumo

Este texto compartilha reflexões contidas no projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, inserido no campo de Confluência Linguagem, Subjetividade e Cultura, que busca investigar ações e práticas educativas em diferentes instâncias e contextos, tendo como referência central seus sujeitos. Acreditamos que as crianças vivem suas infâncias de modos diferenciados em variados espaços e tempos. Entendemos que elas são atores sociais, seres produtores de cultura, situados histórica e geograficamente e, que ao mesmo tempo em que constroem o espaço geográfico, constroem suas subjetividades numa perspectiva dialética. Essa construção é permeada por ações que interferem nas relações com o mundo. Assim, é necessário refletir sobre suas linguagens espaciais, valorizando suas histórias e geografias. Por entendermos o espaço geográfico como elemento fundamental na construção dos sujeitos, trazemos as contribuições da Geografia da Infância, que tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos. Adotamos ainda como referenciais os estudos da Sociologia da Infância, que tentam romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado, em devir, que, um dia, se tornará um adulto. Desta forma a categoria infância passa a ser uma construção histórica, geográfica e social, diferenciando-se no espaço e no tempo, despertando interesses, dúvidas e inquietações. Temos o intuito de contribuir para o debate sobre a infância em diferentes contextos sociais, ajudando a pensar sobre o papel e o lugar das crianças na contemporaneidade, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

Palavras-Chave: Sociologia da infância; geografia da infância; culturas infantis.

Introdução

“É o olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho.”

Manoel de Barros

Entre a preparação para o futuro, a incompletude, o adulto miniatura percorrem as diferentes concepções de infância. A maneira como tratamos as crianças, como direcionamos o nosso trabalho com elas está profundamente influenciado por nossa

concepção de infância. Muito temos estudado, escrito, debatido em nossos seminários e encontros. Percebemos as contribuições para uma nova maneira de ver as crianças mas, é possível perceber também que as atitudes dos adultos no trato com as crianças ainda revelam a predominância de uma concepção de infância na perspectiva da incompletude. Tais percepções baseiam-se na convivência em ambiente escolar, onde atuando na escola pública desde 2001, tenho presenciado diferentes modos de atuação no magistério em Educação Infantil repercutindo uma diversidade de concepções de infância.

A vivência com as crianças intensificaram em mim o desejo de conhecê-las cada dia mais e valorizar suas falas, seus pensamentos e sentimentos, deixando-as tocarem minha vida de modo a me ensinarem a ver, a sentir, a viver, encontrado na simplicidade uma infinidade de sentidos e novidades.

Assim os “miúdos”, “pequeninos”, crescem de importância para os meus olhos, e me movem em direção ao desconhecido, e fazem reviver em mim os cheiros, gostos e memórias da infância.

Reflexões iniciais e direcionamento da pesquisa

Durante muito tempo, convivemos com a concepção de infância na perspectiva da negatividade entendendo as crianças como seres incompletos, em devir, in-fans – sem fala.

A infância tem sido percebida muito mais pela sua ausência, pela sua incompletude, do que pela sua presença.

A infância tem sido historicamente e socialmente vinculada a idéia de carência, falta, incompletude. Este entendimento tem levado a idéia de que o universo adulto poderia preenchê-la, completá-la com o que supostamente lhe falta(...) As crianças tem sido criadas muito mais para a submissão as regras de um mundo adultocêntrico do que para sua própria formação. (LEAL, 2004, p.20)

Ainda na perspectiva da negatividade adicionamos a noção de uma infância percebida como sujeitos “a-topos”, ou seja, de lugar nenhum, como sujeitos atemporais, de tempo nenhum, deslocadas de seus espaços e de seus tempos.

A despeito dessa visão adultocêntrica, nos aproximamos dos estudos no campo da Sociologia da Infância que vêm apontar um novo olhar sobre as crianças, compreendendo-as como atores sociais, sujeitos produtores de cultura, seres ativos situados no tempo e no espaço, tentando romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado.

Ainda nos estudos da sociologia da infância, encontramos o tema culturas da infância postulando que as crianças, através das suas relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo. Na produção dessas culturas há que se levar em consideração as significações espaciais.

“Existe na produção das culturas infantis uma ancoragem territorial que não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio abstrato material e produção da existência. Esse processo faz emergir junto a idéia de culturas infantis a existência de territorialidades infantis que são a base da produção dessa cultura.” (Lopes; Vasconcellos, 2006, p. 110-111)

Ao compartilhar essa perspectiva entendemos a infância como uma construção histórica, geográfica e social, que se diferencia no espaço e no tempo, despertando interesses, dúvidas e inquietações.

As crianças vivem assim suas infâncias de modos diferenciados, em variados tempos e espaços produzindo suas culturas dotadas de histórias e geografias. Ao mesmo tempo em que constroem o espaço geográfico, constroem suas subjetividades numa perspectiva dialética, num “*contínuo movimento entre espaço, sociedade e sujeitos, que faz com que a nossa geografia esteja preche de espaços, de territórios e lugares; que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da vida.*” (LOPES, 2007, p. 9)

Para compreender as crianças e as relações que estabelecem em seus grupos sociais é necessário considerar os aspectos históricos, sociais e geográficos. Cada criança é criança em uma determinada realidade, toda criança é criança de um lugar (Lopes e Vasconcellos, 2006)

Num país com grande diversidade como o nosso, é impossível considerar uma concepção uniformizadora de uma infância padronizada, segundo a qual todos pensam e

vivem da mesma forma. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças (Sarmiento, 2005).

Admitimos, assim, não apenas uma, mas várias infâncias (Prout, 1990), contextualizadas em determinados espaços, tempos e culturas.

Por entendermos o espaço geográfico como elemento fundamental na construção dos sujeitos, nos lançamos o desafio de compreender as relações das crianças com seus espaços, bem como a diversidade de infâncias existentes num espaço/tempo específico de observação: o espaço recreativo do Campo de São Bento situado na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

O campo de São Bento é o principal jardim público urbano de Niterói. Atualmente abriga a Biblioteca Estadual Infantil Anísio Teixeira, o Colégio Estadual Joaquim Távora e o Centro Cultural Paschoal Carlos Magno. Aos finais de semana milhares de pessoas passam pelo campo atraídas pela bela área de lazer e cultura.

Apontamos como questão central a tentativa de compreender *Como crianças vivem, percebem e atribuem significados aos parques infantis do município de Niterói transformando-os em territorialidades.*

Levantamos também como desdobramentos da pesquisa conhecer como se definem as regras que orientam as apropriações dos sujeitos nas brincadeiras no parque selecionado, e como são instituídas as fronteiras físicas e simbólicas para apropriação dos espaços por classes sociais distintas (é possível afirmar isso? Até onde a classe é distinção de fronteira?)

Pretendemos mapear a origem dos parques infantis de Niterói e do mobiliário urbano. Indagamos ainda quando as praças passam a abrigar os brinquedos e constituem-se em paisagens de infância.

Para respondermos a essas questões nos aproximamos de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico.

Caminhos Metodológicos

A construção do referencial teórico-metodológico que servirá de base para a elaboração da pesquisa fundamentou-se nos principais pressupostos da sociologia da infância e nos estudos sobre as culturas infantis, tendo como núcleo central a noção de infância como uma construção social revelando as crianças como atores sociais, sujeitos

participantes na condução de suas vidas e na construção da sociedade em que se inserem.

O caminho a ser construído na busca de respostas para os questionamentos apresenta algumas características de uma pesquisa etnográfica.

A perspectiva etnográfica ganha espaço objetivando reconhecer, valorizar e incorporar como elementos válidos a multiplicidade de sentidos presentes no contexto dos espaços a serem observados, partes de um universo cultural mais amplo.

Para compreender e capturar a complexidade de situações nos diferentes contextos, faz-se necessário utilizar-se da descrição densa que Geertz (1989) define como o tipo de esforço intelectual exigido pela etnografia, que é sempre interpretativa.

As contribuições do referencial teórico-metodológico da sociologia da infância, também são fundamentais na construção dos instrumentos e métodos de coleta, análise e interpretação de dados. As pesquisas desenvolvidas segundo esses referenciais tomam como seu foco as crianças em si mesmas, com suas próprias interpretações infantis.

[...] essa focalização reside, exactamente em partir das crianças para o estudo das realidades de infância. Isto significa, no essencial, duas coisas: a primeira, que o estudo da infância constitui esta categoria social como o próprio objecto da pesquisa, a partir do qual se estabelecem as conexões com os seus diferentes contextos e campos de acção; em segundo lugar, que as metodologias utilizadas devem ter por principal escopo a recolha da voz das crianças, isto é, a expressão da sua acção e da respectiva monitorização reflexiva. (Pinto e Sarmiento, 1997, p. p. 26, 27)

A pesquisa situa-se no campo das pesquisas que compartilham procedimentos de natureza qualitativa.

Bogdan e Biklen (1982) apontam pontos comuns compartilhados nesses procedimentos:

- O pesquisador é o instrumento chave, embora utilize vídeo ou outros materiais, é necessário que ele esteja no campo de trabalho para apreender a realidade a ser estudada.
- A pesquisa qualitativa é descritiva, os dados são coletados em forma de palavras, fatos. Os dados incluem entrevistas transcrições, notas, fotografias, vídeos,

documentos pessoais; todos os detalhes e situações são importantes na compreensão;

- Pesquisadores qualitativos estão mais preocupados com o processo do que com o produto. O pesquisador deve centrar sua compreensão na dinâmica que se processa na vida cotidiana, e isso deverá ser o seu centro de análise;
- O significado que os indivíduos atribuem as coisas é de essencial interesse para o trabalho qualitativo. Uma das preocupações do pesquisador deve ser compreender como as pessoas compreendem a si mesmas e o mundo que as cerca.

Pensando contribuições

Muito já foi falado sobre a adequação de um trabalho que pense a realidade escolar a partir da realidade do aluno. Mas, que realidade é essa?

Esse estudo pretende contribuir para a elaboração de um currículo que tenha como base a compreensão da criança como “ator social”, sujeito participante na organização de sua vida e na construção da sociedade em que se insere.

Pretendemos fazer relações entre a escola e a realidade concreta, pensando como os modos de organização destas crianças reais fora da escola podem auxiliar na elaboração das atividades dentro dela. Concordamos com as idéias de Kramer (2006, p. 21): “(...) é preciso compreender os processos relativos aos modos de interação entre crianças e adultos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais (...). Conhecer as ações e produções infantis, as relações entre adultos e crianças, é essencial para a intervenção e a mudança.”

Pensamos ainda numa possível contribuição para produção e organização de parques/prças a partir não apenas de pensamentos adultos para crianças, mas das necessidades delas próprias expressas a partir de sua escuta.

Temos o intuito de contribuir para o debate sobre a infância em diferentes contextos sociais, ajudando a pensar sobre o papel e o lugar das crianças na contemporaneidade, reconhecendo e respeitando sua diversidade.

Por fim, vale citar Amorim (2008, p.52) segundo o qual é de fundamental importância refletir sobre a infância e sua educação nos lugares que elas produzem e em que

são produzidas, contribuindo, assim, para uma educação que possibilite um mundo mais justo, livre das desigualdades, da exclusão e da barbárie.

Como iniciei o texto com as palavras de Manoel de Barros, gostaria de encerrar também com as palavras do autor que tão bem traduzem meus sentimentos em relação a infância.

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só
Descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.”

Manoel de Barros

Referências

AMORIM, Cassiano Caon. Os lugares da infância: a infância e seus lugares. In VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BORBA, A. M. *Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar*. Tese de doutoramento. Niterói: UFF, 2005.

CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação, e a natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: *Educação e Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade* – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES - Vol. 26, nº 91, Mai./Ago, 2005.

_____. *The Sociology of childhood*. Thousand Oaks Cal.; Pine Forge Press, 1997.

GEERTZ, C. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KRAMER, S. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamim. In: KRAMER, S.; LEITE, I. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996 p.13-38.

KUHLMANN JUNIOR, M. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 78, p.17-26, ago.1991.

LEAL, Bernardina. Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros. In Walter Kohan (org.) *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOPES, Jader Janer M.; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n..1. 2006. Disponível em http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf.

LOPES, Jader Janer M.. “É coisa de criança”: Reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.

PINTO, M. e SARMENTO, M. J.(Coords) *As crianças: contextos, identidades*. Porto: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, M. J. *Lógicas de acção nas escolas*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2000.

_____. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*, 2002. Disponível na Internet: <http://www.iec.minho.pt/cedic/textos> de trabalho. Acessado em 25 de setembro de 2003.

_____. *Imaginário e culturas da infância*, 2003. Disponível na Internet: <http://www.iec.minho.pt/cedic/textos> de trabalho. Acessado em 30 de maio de 2004.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade:interrogações a partir as sociologia da infância. In: *Educação e Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade* – São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES - Vol. 26, nº 91, Mai./Ago, 2005.

SILVA, Carla Andréa Lima da. Saberes e fazeres das crianças: manifestações das culturas infantis em situações dirigidas pela professora. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Educacao.

VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Niterói: EDUFF, 2008.